

# Análise sociológica da relação escola-família: um roteiro sobre o caso português

Pedro Silva<sup>1</sup>

## Resumo:

Neste artigo procuro reflectir sobre a intersecção entre a problemática da relação escola-família e o olhar sociológico que sobre aquela se derrama. Faço-o através de uma dupla perspectiva histórica (necessariamente sintética): a) sobre a emergência daquela problemática e b) sobre a emergência da sua adopção pela sociologia. Posteriormente construo um *corpus* de obras portuguesas e estrangeiras, em formato livro, que incorporam contributos que entendo pertinentes sobre aquela relação, a maioria dos quais de índole sociológica. A minha análise centra-se, na segunda parte do artigo, nos livros que assumem a relação escola-família como objecto de estudo e que, simultaneamente, incorporam uma análise sociológica sobre a mesma, conferindo especial destaque à bibliografia portuguesa.

**Palavras-chave:** Relação Escola-Família; Sociologia da Educação, Sociologia da Família; Sociologia da Infância.

## Introdução

Ensaio, nas linhas seguintes, aquilo que poderia designar como o meu *roteiro pessoal* sobre a *análise sociológica da relação escola-família em Portugal*. Não pretendo, assim, uma – impossível – exaustividade, mas tão-só delinear algumas ideias sobre o trajecto da análise em causa e de acordo com o meu próprio percurso intelectual. Para tal, resolvi seguir dois critérios: a) o cronológico e b) as referências bibliográficas em formato livro, pois no espaço concedido seria impossível ter em conta, por exemplo, os artigos científicos e as dissertações académicas. Entenda-se, pois, o presente texto como um conjunto de notas para reflexão sobre o objecto acima enunciado.

## 1. Uma Perspectiva Histórica

A história da relação escola-família intersecta as histórias da educação familiar e escolar. A educação familiar, mais antiga do que a escolar, na medida em que

---

<sup>1</sup> Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Instituto Politécnico de Leiria e *Centro de Investigação e Intervenção Educativas* (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto) e *Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s)* (Instituto Politécnico de Leiria).

aquela sempre terá existido, foi assumindo diferentes formas e modalidades (nem todas eventualmente ainda hoje conhecidas) conforme o momento histórico e o tipo de sociedade. Tudo indica que a educação, no período anterior ao da emergência da instituição escolar, era então essencialmente informal e que os mais novos aprendiam em boa parte por imitação, ou seja, por tentativa e erro, derivados da observação das práticas dos mais velhos. Estávamos então ainda longe do advento da escrita.

Em rigor, a relação escola-família nasce com os primórdios da escolarização, entendida aqui, de forma sumária, como um processo formal de educação que inclui, entre outros aspectos, a promoção do acesso à leitura e à escrita.

A escolarização aparece associada ao processo de sedentarização da população, a qual vivia até então da recollecção, da caça e da pesca ou da agricultura nómada. A fixação territorial de parte da população, com a prática de uma agricultura criadora de excedente agrícola e o surgimento de ofícios “urbanos”, não directamente ligados à terra, trouxe consigo ou ampliou a estratificação social.

Vemos, assim, sociedades e civilizações antigas como as da China, Índia, Pérsia, Mesopotâmia, Suméria, Fenícia, Hebreus, Egipto, Grécia, Roma, Maias, Aztecas ou Incas irem desenvolvendo, ao longo de séculos ou milénios, diferentes formas de acesso ao saber letrado. Nesta multiplicidade de experiências sobressai, de um modo geral, a forte estratificação social com, em regra, as mulheres, por um lado, e os homens de condição social mais baixa, por outro, a ficarem arredados daquele acesso ou a ficarem por formas rudimentares do mesmo. As formas superiores de educação formal ficam para a elite, seja ela de origem religiosa, guerreira ou outra.

Dois traços caracterizarão durante muito tempo a “escola”: a) será, até recentemente, para uma minoria; e b) exige a separação de funções entre as famílias e alguém especializado no “saber escolar”. Esta separação parece estar associada a duas ordens de razões, que podem actuar isoladamente ou em conjunto: a) a ignorância, maior ou menor, das famílias face ao saber escolar; b) uma política “estatal” de instruir as crianças colectivamente (casos de Esparta ou dos Hebreus, na Antiguidade).

A separação de funções entre escolas e famílias parece, assim, ser condição de existência da própria escola, mesmo quando as famílias não a questionam, como parece ter acontecido durante séculos ou milénios. A “aliança natural”, como é rotulada por muitos especialistas (e caricaturada por tantos outros, na actualidade), parece ter vigorado pelo menos até ao advento da escolaridade obrigatória.

No contexto europeu sabemos da influência da educação grega (sobretudo a de tipo ateniense, mais equilibrada nas suas componentes motora, intelectual e criativa), posteriormente retomada pelos romanos (embora já com um peso excessivo da retórica, na sequência da última fase helénica) e ainda presente, alguns séculos mais tarde, nas universidades através do currículo das sete artes liberais (*trivium* e *quadrivium*).

Até ao final da Idade Média a escola continuou a ser pensada para e frequentada por uma minoria, onde, durante bastante tempo, pontificou quase em exclusivo o clero (muito dele, incluindo bispos, então também analfabeto, assinale-se).

O Renascimento produziu, intelectualmente, um duplo movimento: por um lado, o retorno aos clássicos (em boa parte redescobertos através dos árabes) e a aposta no latim e no grego clássicos; por outro, o despontar do humanismo, com uma cosmovisão doravante descentrada de Deus (embora convivendo com Ele) e a defesa

da generalização das línguas nacionais<sup>2</sup>. A irrupção da Reforma Protestante no coração da Europa contribuiu para o reforço desta última tendência ao defender que todos os cristãos deveriam ler a Bíblia e que isso deveria ser feito na sua língua materna, pelo que precisariam de aprender a ler e a escrever. Não constitui um acaso que Lutero tenha escrito um *Sermão sobre o Dever de Enviar as Crianças para a Escola* (Berger, 1991)<sup>3</sup>. A abertura de horizontes do Humanismo contribuiu para que se começasse a pensar na ideia de uma escola para todos. A sua concretização ainda demoraria alguns séculos, mas a semente estava lançada.

Um século mais tarde (século XVII), Coménio, através do seu conceito de *pansofia* (“Ensinar tudo a todos”), virá a “regar” bem esta semente. A sua defesa da universalização da escola tem, contudo, a particularidade de assentar numa *aliança escola-família*. Esta concepção, elaborada na sua *Didáctica Magna*, “implica uma articulação entre a educação familiar e a educação escolar, e entre as duas instituições se dá uma aliança que as une e as envolve, com atribuições diferenciadas (...)” (Narodowski, 2006:50). Coménio apresenta a ideia de uma aliança natural entre ambas, de tal modo que não são necessários mecanismos de coacção. Coloca-as em pé de igualdade, numa relação de complementaridade. Segundo Mariano Narodowski, “o dispositivo “aliança escola-família” é apenas esboçado na obra comeniana (...). Não há dúvida, no entanto, que na sua obra isso já se encontra em processo de instauração. Comenius inicia a Modernidade pedagógica prefigurando, pela primeira vez, esse pacto sem o qual a escolaridade não seria viável.” (*op. cit.*:54)

O século XVII traz-nos ainda, segundo Philippe Ariès (1988), o triunfo da família e dos direitos da criança na Europa burguesa, com a separação entre as esferas pública (Estado) e privada (Família), processo este posteriormente alargado às outras classes sociais.

O Século XVIII trouxe-nos a Revolução Pedagógica (Gal, 1979), incluindo a conhecida defesa de Rousseau de que a criança não constitui um adulto em miniatura. No século XIX assistimos, em vários países europeus, ao advento do processo de escolarização de massas no ensino primário<sup>4</sup>. Este processo significou, entre vários aspectos, o acesso à escola por parte de uma maioria não letrada da população. Sabemos que este processo andou também associado à construção das identidades nacionais num período, típico da modernidade, de afirmação do Estado-Nação. A especialização de funções – entre pais e professores – era, pois, inevitável e a instituição escolar tendia a colocar-se numa posição de superioridade face às famílias. Esta divisão social de tarefas manteve-se, *grosso modo*, até meados do século XX, com uma clara delimitação entre uma socialização primária a cargo das famílias e a socialização secundária com um importante papel (embora não exclusivo) cometido à instituição escolar.

---

<sup>2</sup> Exemplo típico é o de dois grandes humanistas como Erasmo de Roterdão e Damião de Góis (este chegou a viver em casa do primeiro), que se correspondiam e inclusive falavam entre si em latim, ou o de Martinho Lutero que, dominando perfeitamente o latim, traduziu a Bíblia para alemão.

<sup>3</sup> Excluo das Referências Bibliográficas todas as obras que constam do Quadro 2.

<sup>4</sup> Sabemos que Portugal fez parte do primeiro grupo de países a decretar a escolaridade obrigatória e gratuita (em 1835), sendo, no entanto, no contexto europeu, dos últimos a cumprir tal intenção, tendo demorado cerca de um século a fazê-lo.

As sociedades ocidentais vão assistir, na segunda metade do século XX, a um aprofundamento das transformações sociais e a uma reconfiguração da relação escola-família (Stoer e Silva, 2005) que poderão ser caracterizados, sucinta e esquematicamente (Quadro 1), pela transição da sociedade industrial para a pós-industrial; da modernidade para a pós-modernidade; da afirmação do Estado-Nação para a globalização (económica, com importante papel regulador do mercado) e o reforço das identidades (de indivíduos e grupos); do processo de nuclearização familiar (em parte associado ao da industrialização<sup>5</sup>) para o da emergência de novos tipos de famílias; da defesa do direito à igualdade para a reclamação do direito à diferença; da cidadania atribuída para a cidadania reclamada; da escola primária de massas para a escola secundária de massas; da consolidação à crise da escola de massas<sup>6</sup>; da escola para todos à educação permanente e participada; do pai-colaborador ao pai-parceiro. Mostra-nos Nicholas Beattie (1985), num estudo de grande fôlego, que a emergência quase em simultâneo, nos países ocidentais<sup>7</sup>, dos sistemas de participação parental não constitui uma coincidência, andando antes associada a uma crise de legitimação do estado. Assim, o surto legislativo a que assistimos actualmente e que destaca a importância das associações de pais e da inclusão de representantes parentais em diversos órgãos das escolas, aponta para um paradigma de educação participada que parece cruzar um duplo e aparentemente contraditório movimento: a) por um lado, nas famílias, temos cada vez mais ambos os membros do casal a trabalhar<sup>8</sup>, o que provoca a entrada cada vez mais precoce das crianças para a instituição escolar ou para-escolar (creche, amas, jardim de infância, etc.). Isto tem como consequência uma alteração das relações tradicionais entre socialização primária e secundária, conduzindo a “uma espécie de secundarização da socialização primária e de primarização da socialização secundária” (Tedesco, 2000:91) e àquilo que designo por um processo de parentização docente (Silva, 2003); b) por outro, a crescente dificuldade da escola em assumir sozinha a plenitude do seu projecto educativo (incluindo a componente instrucional) tem levado – quer como causa, quer como consequência – a uma relação mais estreita com os *mass media* e as TIC, mas também a mais requisitos junto das famílias, num processo tendencialmente de docentização parental (Silva, 2003). O momento, sendo de encruzilhada, aponta, no entanto, para relações formalmente mais estreitas entre escolas e famílias, no sentido da sua universalização, o que pode contrastar com o estado das relações informais ou com a vantagem obtida pelos grupos sociais que demonstram junto da escola uma maior capacidade para obter ganhos – escolares, mas também sociais – para os seus filhos.

---

<sup>5</sup> Chiara Saraceno e Manuela Naldini (2003) mostram-nos como, apesar dos posicionamentos de autores como Durkheim e Parsons, não se pode estabelecer uma relação linear entre os dois processos.

<sup>6</sup> A condição semiperiférica europeia da sociedade portuguesa tem levado autores como Stephen Stoer e Helena Araújo (1992) a falarem no processo de simultânea consolidação e crise da escola de massas em Portugal.

<sup>7</sup> Em Portugal, por razões históricas, foi mais tarde, com a instauração do regime democrático em 1974 (Silva, 2003).

<sup>8</sup> E Portugal tem uma das maiores taxas de assalariamento feminino a tempo inteiro no âmbito da OCDE.

## Quadro 1

### A Reconfiguração da Relação Escola-Família

Modernidade	Pós-Modernidade	Reconfiguração da Relação Escola-Família
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sociedade industrial</li> <li>- Estado-Nação</li> <li>- Papel regulador do Estado</li> <li>- Escola republicana e laica</li> <li>- Cidadania atribuída</li> <li>- Consolidação da escola de massas</li> <li>- Processo de nuclearização familiar</li> <li>- Direito à igualdade</li> <li>- Escola para todos</li> <li>- Relação Escola-Família: Separação de funções e perspectiva do Pai-Colaborador</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sociedade pós-industrial</li> <li>- Papel regulador do mercado (globalização económica)</li> <li>- Proliferação das identidades (diversidade cultural)</li> <li>- Cidadania reclamada</li> <li>- Crise da escola de massas</li> <li>- Novos tipos de famílias e processo de individualização social</li> <li>- Direito à diferença</li> <li>- Educação permanente e participada</li> <li>- Relação Escola-Família: Emergência do Pai-Parceiro</li> </ul>	<p>Tensão entre:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Lógica do mercado/ comunidade</li> <li>- Cidadania atribuída/ reclamada</li> <li>- Direito à igualdade/diferença</li> <li>- Escola monocultural/ intercultural</li> <li>- Parentização docente/ docentização parental</li> <li>- Interesses de diferentes sectores dos pais</li> <li>- Distintas identidades jovens/ pais</li> <li>- Pai-Consumidor (lógica do mercado)/Pai-Parceiro (afirmação das identidades)</li> </ul>

## 2. A Sociologia e a Relação Escola-Família

A relação escola-família parece ter-se tornado objecto de estudo da Sociologia algo tardiamente. É certo que o domínio da Sociologia Geral ao longo do século XIX e início do século XX – os ramos especializados da Sociologia só começaram a adquirir foro de legitimidade a partir de então – coincidiu com o período em que a instituição escolar avançava com o seu processo de universalização (no ensino primário), não ocupando então a centralidade que lhe reconhecemos nas sociedades hodiernas. Também é certo que a não consagração ainda, na transição do século XIX para o XX, das sociologias especializadas, não impediu algumas incursões significativas por autores vários, como é o caso, por exemplo, de Durkheim a propósito das Sociologias da Família e da Educação. Este facto, e apesar da afirmação deste autor de que “A educação é a acção exercida nas crianças por pais e professores.” (Durkheim, s/d:37), não levou a análise sociológica a debruçar-se, pelo menos de forma sistemática, sobre a intersecção das educações familiar e escolar.

Acontece que a Sociologia da Educação assume, ao longo da primeira metade do século XX, os contornos de uma Sociologia Educacional, bem mais próxima das instituições e preocupações da formação de professores do que da Sociologia propriamente dita. É já no início da década de 30 (em 1932, mais precisamente) que aparece nos Estados Unidos uma obra, hoje emblemática: *The Sociology of Teaching*, de Willard Waller. O autor, no seu capítulo intitulado “Parents and Teachers”, apesar

de reconhecer potenciais interesses comuns a ambos os grupos, tende a encará-los, como é conhecido, como inimigos naturais:

“From the ideal point of view, parents and teachers have much in common, in that both, supposedly, wish things to occur for the best interests of the child; but, in fact, parents and teachers usually live in a condition of mutual distrust and enmity. (...) The fact seems to be that parents and teachers are natural enemies, predestined each for the discomfiture of the other. (...) The reasons for this rarely admitted enmity are not hard to find. (...) Parents and teachers want to do different things with the child.” (Waller, 1965:68)<sup>9</sup>

Não deixa de ser interessante, contudo, que Waller, apesar do seu posicionamento, já então se dá conta de que é a escola que procura moldar as famílias à sua imagem: “Parent-teacher work has usually been directed at securing for the school the support of parents, that is, at getting parents to see children more or less as teachers see them.” (*op. cit.*:69). Waller revela-se, assim, duplamente pioneiro: pela visibilidade conferida ao tema e por antecipar o que constitui uma crítica relativamente recente<sup>10</sup>.

Durante décadas a relação escola-família esteve quase ausente das pesquisas realizadas no campo educativo. O final da Segunda Guerra Mundial e a entrada na segunda metade do século trarão alterações profundas com o advento de novas condições sociais a induzir novas condições teóricas e de pesquisa empírica.

É sabido que a necessidade de reconstrução económica dos países afectados pela guerra, bem como a competição resultante da guerra fria, levarão a uma forte aposta na educação. Isto resulta em parte do pressuposto de que uma mão-de-obra mais qualificada seria mais produtiva e ganharia mais. Theodore Schultz populariza a Teoria do Capital Humano, mas vemos também então as preocupações teóricas da Sociologia da Educação – e pode dizer-se que esta “substitui” finalmente a Sociologia Educacional – centrarem-se na articulação entre sistema económico e sistema educativo<sup>11</sup>. A expansão dos sistemas educativos torna-se concomitante com uma não menor expansão da investigação em educação. É a altura dos grandes estudos extensivos – autênticas radiografias a estes sistemas –, que darão origem a inúmeros relatórios, alguns célebres como o Coleman e o Jencks. O significativo financiamento público e privado da investigação em educação facilitará o desenvolvimento das Ciências da Educação, assim como a padronização de procedimentos metodológicos de índole quantitativa ajudará à afirmação da profissão de sociólogo. Estas novas condições não se traduzirão, contudo, num maior interesse, teórico e/ou empírico, sobre as relações entre famílias e escolas. Tal só acontecerá, co-lateralmente, através da enorme massa de dados recolhidos pela pesquisa empírica.

---

<sup>9</sup> Waller chega ao ponto de apontar para a necessidade de ser desenvolvida “a good technique for handling irate parents” (*op. cit.*:74).

<sup>10</sup> Sharp e Green (1975), por exemplo, denunciam o processo de fabricação de “bons pais” por parte da escola (“*The good parent is one who appears to defer to the teacher’s superior knowledge, expertise and competence.*”, p. 207), através do que eu viria a rotular de “efeito escola-espelho” (Silva, 2003).

<sup>11</sup> As próprias teorias funcionalista e marxista são então dois bons exemplos desta afirmação, ilustrando, aliás, o predomínio da perspectiva macrosociológica, que viria a ser desafiado pela Nova Sociologia da Educação britânica.

A turbulenta e, em vários aspectos, revigorante década de 60 levará à reemergência das teorias do conflito, nomeadamente através das versões neo-marxista e neo-weberiana. Nesta década e na seguinte a pluralidade teórica e metodológica da Sociologia da Educação (as correntes anteriormente referidas, a par do empirismo metodológico anglo-saxónico, verão a emergência quer da investigação-acção, quer da Nova Sociologia da Educação britânica, sendo as primeiras de natureza macrossociológica e de dominante quantitativa e as últimas desembocando em estudos localizados e com uma componente de intervenção e/ou qualitativa) coexistirá com a emergência e desenvolvimento dos sistemas de participação parental na maioria dos países ocidentais. Pode afirmar-se que a alteração das condições sociais ajudou a refrescar preocupações teóricas e conceptuais com a subsequente construção de novos objectos de estudo e o desembocar numa maior pluralidade metodológica. A análise sociológica da relação escola-família vai-se progressivamente afirmando, pautando-se pela sua problematização da relação, o que contrasta com muita bibliografia maioritariamente apologética e em grande parte provinda de projectos de colaboração entre pais e professores (Silva, 2003). A esta problematização não será estranho o advento de uma tripla confluência: a) a da perspectiva tendencialmente problematizante da Sociologia (Bourdieu, 2003); b) a da “viragem” que esta disciplina sofre ao longo dos anos 80 com a sensibilização para a necessidade de articulação entre os “níveis” macro, meso e microsociológicos de análise, assim como entre estudos quantitativos e qualitativos<sup>12</sup>; c) a da emergência, no campo da Sociologia da Educação, da Teoria da Resistência, reconhecida a partir dos anos 90 como Pedagogia Crítica (na esteira de tradições intelectuais várias, incluindo a Sociologia Crítica da Escola de Frankfurt e a obra de Paulo Freire, desde logo a *Pedagogia do Oprimido*).

Ensaiei, na secção seguinte, um roteiro de alguma desta bibliografia.

### **3. Análise Sociológica da Relação Escola-Família: Um Roteiro Bibliográfico**

Nesta secção, como sublinhei na Introdução, limitar-me-ei a ter em conta alguma da bibliografia existente em formato livro, tentando fazer o contraponto entre a situação geral e a portuguesa. No quadro-síntese abaixo (Quadro 2)<sup>13</sup>, incluo entre parêntesis rectos bibliografia editada em Portugal, mas de autores estrangeiros. A negrito incluo a bibliografia que considero acumular explicitamente os critérios a) focalização sobre a relação escola-família e b) adopção do ponto de vista sociológico. Obtemos, assim, dez obras em Portugal. A restante bibliografia inclui volumes que poderão não ser explicitamente sociológicos ou sobre a relação, mas considerando eu que incluem matéria suficiente para a sua inclusão<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Lembremos que esta década de 80 consagra o nível organizacional, assim como assiste à reabilitação dos métodos qualitativos, incluindo os de natureza etnográfica e biográfica.

<sup>13</sup> Por uma questão de comodidade, as obras incluídas neste Quadro não constam da Bibliografia.

<sup>14</sup> Na maioria dos casos estaremos perante obras sociológicas que incluem textos sobre o objecto de estudo deste artigo; nalguns outros as obras poderão não ser de índole sociológica, mas entendendo eu que, ainda assim, trazem algum contributo específico para a análise da relação; noutros ainda, estaremos perante obras assumidamente sociológicas, mas cujo objecto de estudo não é a relação escola-família, embora a intersecte. Claro que as fronteiras são porosas e toda a classificação é arbitrária.

Tenho definido a relação escola-família como sendo constituída por uma dupla díade (Silva, 2002, 2003): as vertentes lar e escola e as dimensões de actuação individual e colectiva. A *vertente lar*, que remete para as interacções ocorridas no seio da família a propósito do processo de escolarização, tem sido mais ignorada pela pesquisa e situa-se mais próxima, em minha opinião, das preocupações da sociologia da família. A *vertente escola* inclui todo o tipo de ocorrências nesta instituição a propósito da relação entre escolas e famílias e tem sido objecto de estudo sobretudo por parte da sociologia da educação, a qual se tem revelado historicamente como uma sociologia da educação escolar<sup>15</sup>. A *dimensão de actuação individual* remete para as práticas parentais em defesa directa dos interesses do seu educando, podendo ocorrer no lar (ajuda aos trabalhos de casa, por exemplo) ou na escola (participação numa reunião, por exemplo). A *dimensão de actuação colectiva* implica uma prática em defesa de interesses gerais e não exclusivamente individuais ou sectoriais (é o caso, por exemplo, dos dirigentes associativos parentais ou de representantes parentais em órgãos das escolas).

Tenho definido também a relação escola-família como sendo uma relação entre culturas (a cultura escolar, maioritariamente letrada, urbana e de classe média, e a cultura local), o que pode levar a situações de continuidade cultural e social, mas também de distância, de ruptura ou de choque cultural, ou ainda de aculturação e de violência simbólica. Esta perspectiva inclui ainda a de que, na esteira de Tomaz Tadeu da Silva (1995), a equivalência antropológica entre culturas convive com a sua desigualdade sociológica, pelo que a relação entre culturas constitui uma relação de poder. Deste ponto de vista, a relação escola-família pode contribuir para reforçar, manter ou atenuar desigualdades sociais e diferenças culturais.

Assim, e de forma telegráfica, eis algumas notas sobre o quadro abaixo proposto (Quadro 2):

1. Recenseei 77 obras, incluindo 33 que correspondem ao duplo critério (relação escola-família + perspectiva sociológica). Das 77, cerca de metade são estrangeiras e outras tantas portuguesas. Das 33 que preenchem o duplo requisito, 10 são portuguesas. É sobre estas 33 obras que centrarei a minha atenção, em particular sobre as portuguesas, fazendo uma referência mais lateral às restantes.

2. Cerca de 20 anos medei o aparecimento de uma obra sociológica sobre a relação escola-família no estrangeiro (Lightfoot, 1978) e em Portugal (Canário, Rolo e Alves, 1997<sup>16</sup>; Ana Diogo, 1998; José Diogo, 1998). Este hiato poderá estar relacionado com vários factores. Creio que o principal remeterá para os efeitos da situação de “interregno” (Pinto, 2007) da sociologia portuguesa durante o longo período da ditadura (1926-1974)<sup>17</sup>.

3. No que respeita à bibliografia estrangeira que preenche o duplo critério, vemos aparecerem 9 obras na década de 80; 7 na década de 90; e 5 na presente década,

<sup>15</sup> Embora se tenha vindo a notar, mais recentemente, uma abertura aos contextos não escolares.

<sup>16</sup> A publicação é de Dezembro de 1997.

<sup>17</sup> Em 1884 Teófilo Braga publica *Sistema de Sociologia* (baseado na obra de Comte) e em 1936 Adolfo Lima, um pedagogo ligado ao movimento da Escola Nova, edita os seus dois volumes de *Pedagogia Sociológica*. Não se pode dizer que até ao advento da ditadura a sociologia portuguesa, incluindo a da educação, sofresse de um grande atraso.

até ao momento, o que denota um certo equilíbrio, embora em ligeiro decrescendo. Quanto à bibliografia portuguesa, temos zero na década de 80; 3 na de 90 e já próximas do final deste período; e 7 na presente década. Há, assim, um crescendo visível na sociologia da relação escola-família em Portugal, com a quase totalidade das obras a aparecerem nos últimos 10 anos (praticamente entre 1998 e 2008). Creio que a razão apontada acima continuará a aplicar-se ainda.

4. Se delinearíamos três tipos de obras – a) individuais; b) autoria colectiva; c) colectâneas (incluindo maioritariamente textos que não são do organizador da obra) – e continuando a limitar-nos às obras que recaem no duplo critério, é interessante verificar o seguinte: a bibliografia estrangeira inclui 14 obras da categoria a), 4 da b)<sup>18</sup> e 4 da c) enquanto que a bibliografia portuguesa inclui 6 da a), 1 da b) e 3 da c).

Assim, em ambos os contextos, mais de metade das obras são individuais. No caso português é de salientar que todas elas derivam de teses académicas: de mestrado, as três primeiras – A. Diogo (1998); J. Diogo (1998) e Martins (2003) –, e de doutoramento, as restantes – Silva (2003), Sá (2004) e A. Diogo (2008). Verifica-se, assim, neste caso, uma influência ainda significativa dos constrangimentos exercidos pelas regras de progressão das carreiras profissionais dos respectivos autores<sup>19</sup>.

No que respeita à categoria b) vemos que ela tem o mesmo peso da c) na bibliografia estrangeira, mas constitui caso único em Portugal. Trata-se, aqui, da obra de Rui Canário, Clara Rolo e Mariana Gao Alves (1997), que resulta de um projecto de investigação.

Quanto à categoria c) é interessante verificar que encontramos já colectâneas desde 1985 no estrangeiro, mas que são todas recentes no caso português: Lima (2002), Stoer e Silva (2005) e Silva (2007). Esta constatação prende-se provavelmente com o facto de a produção sociológica sobre a escola-família ser bem mais recente em Portugal. As três colectâneas revelam-se, assim, simultaneamente, como um sinal indelével do avanço científico nesta área em Portugal. Registe-se que no caso desta última antologia ela inclui 13 textos, sendo dois de autoras estrangeiras.

5. Uma nota para o facto de que todos os autores portugueses das obras que preenchem o duplo critério<sup>20</sup> apresentam experiência de leccionação num contexto de formação de professores. São ainda obras, *grosso modo*, de sociologia da educação (e não, por exemplo, de sociologia da família). Este aspecto parece indiciar um vínculo claro entre a sociologia da educação e a formação de professores, não sendo possível saber, por estes dados, se a ligação entre a sociologia da educação e as instituições de formação de sociólogos será igualmente forte. Poderá também indiciar que a sociologia da educação produzida nestas últimas instituições terá prestado maior atenção a outros aspectos da realidade social e educativa, concedendo menor atenção ao relacionamento entre famílias e escolas.

6. Como acabei de referir, a sociologia portuguesa que se tem debruçado sobre

---

<sup>18</sup> Por uma questão de comodidade, estou a incluir aqui a obra de Montandon e Perrenoud (1987), em rigor um caso único nesta amostra mais restrita, na medida em que inclui textos vários, mas sempre da autoria de cada um dos dois organizadores do volume.

<sup>19</sup> Todos eles docentes do ensino superior.

<sup>20</sup> Nos volumes colectivos estou a referir-me aos seus organizadores, embora a afirmação se continue a aplicar à grande maioria dos seus autores.

a relação escola-família parece ter recaído maioritariamente no ramo da sociologia da educação. De entre os autores apontados, a esmagadora maioria tem tido, de facto, um percurso bem mais associado a este ramo da sociologia do que, por exemplo, ao da família. É claramente o caso de autores como Ana Diogo, Jorge Ávila de Lima, Pedro Silva, Rui Canário, Stephen Stoer ou Virgínio Sá.

7. Sabemos que a sociologia da educação tem sido historicamente uma sociologia do mundo escolar. Não será talvez uma coincidência que nos títulos citados a referência à escola ou aos professores apareça em primeiro lugar: “A Parceria Professores/Pais...”, de Rui Canário, Clara Rolo e Mariana Alves; “Parceria Escola-Família...”, de José Diogo; “Escola-Família...”, de Pedro Silva; “Escola-Família...”, de Stephen Stoer e Pedro Silva; “Escolas, Famílias e Lares...”, de Pedro Silva (Org.). Nos casos de Jorge Lima – “Pais e Professores...” – e de Virgínio Sá – “A Participação dos Pais na Escola Pública...” – continuamos perante pesquisas centradas em escolas. Maria Fernanda Martins, por sua vez, tem como objecto de estudo associações de pais, que são organizações também sedeadas em escolas. A única situação que poderá ser considerada parcialmente contrastante é a que remete para as duas obras de Ana Diogo, porventura, dentro deste grupo, a socióloga da educação mais próxima das famílias.

Em suma: a sociologia portuguesa chegou à relação escola-família sobretudo através dos sociólogos da educação e das instituições formadoras de docentes.

8. José Madureira Pinto, no seu texto sobre a formação da sociologia portuguesa<sup>21</sup>, defende que a dupla influência francófona e anglo-saxónica, na sua reemergência recente<sup>22</sup>, se constituiu numa “vantagem comparativa” e que “a sociologia portuguesa antecipou de algum modo” (Pinto, 2007:76) o movimento de “crítica à especialização disciplinar e de adesão entusiástica à interdisciplinaridade” (*ibid.*).

A esta abertura à *interdisciplinaridade* eu acrescentaria a predisposição para a *pluralidade metodológica*, bem visível no conjunto das obras portuguesas aqui recenseadas. Mesmo no grupo mais restrito das dez obras seleccionadas repare-se como incluem desde estudos intensivos, com recurso ao método etnográfico (por exemplo, Silva, 2003), a estudos extensivos com tratamento estatístico sofisticado, como é o caso da obra de Ana Diogo (2008). Algumas obras são, por si, símbolo desta pluralidade. É o caso, por exemplo, do estudo de Virgínio Sá (2004). Também os três volumes colectivos seleccionados (Lima, 2002; Stoer e Silva, 2005; Silva, 2007) incluem textos resultantes de pesquisas que se socorreram de metodologias bem díspares. Temos, assim, exemplos “para todos os gostos” dentro do amplo leque caracterizado por muitos como correspondendo ao *continuum* quantitativo-qualitativo.

9. No que respeita às vertentes (escola e lar) da dupla díade da relação, a esmagadora maioria das obras – quer portuguesas, quer estrangeiras – adopta a instituição escolar como porta de entrada, mesmo quando também, paralelamente, bate à porta dos lares. Uma excepção é o livro de Jean Kellerhalls e Cléopâtre Montandon

---

<sup>21</sup> Este texto corresponde ao Capítulo II da obra mencionada (Pinto, 2007) e intitula-se “A Sociologia em Portugal: formação, tendências recentes e alternativas de desenvolvimento”.

<sup>22</sup> Pinto (*op. cit.*:74) chama-lhe “refundação da sociologia portuguesa”.

(1991), centrado nas estratégias educativas das famílias e mais próximo de uma sociologia da família do que da educação.

Quanto às dimensões de actuação (individual e colectiva) da dupla díade, vemos menos estudos centrados na dimensão colectiva. Temos, no entanto, nesta última dimensão, os livros de Nicholas Beattie (1985) ou Carol Vincent (2000) e de, para Portugal, Maria Fernanda Martins (2003). Noutros casos, esta dimensão está bem presente mesmo quando não constitui o objecto de estudo – exemplos de Mary Henry (1996) e Carol Vincent (1996) ou de Pedro Silva (2003) e Virgínio Sá (2004).

Deste ponto de vista, parece não se registar qualquer discrepância entre a bibliografia estrangeira e portuguesa.

10. A perspectiva da relação escola-família enquanto relação de poder e entre culturas desigualmente valorizadas no seio da sociedade é minoritária, embora passando explicitamente por obras como as de Henry (1996), Vincent (1996) e Silva (2003)<sup>23</sup>.

11. De entre as obras seleccionadas, podemos encontrar **temas** tão diversos como:

- *Escola-família e desigualdades sociais* – tema clássico da sociologia da educação – incluindo as clivagens associadas a) à *classe social* (por exemplo, Connell *et al.*, 1982; Lareau, 1989; Henry, 1996; Vincent, 1996; Nogueira, Romanelli e Zago, 2000; Carvalho, 2001; ou, em Portugal, Silva, 2003; Stoer e Silva (Orgs.), 2005; Silva (Org.), 2007), b) à *etnicidade* (Lightfoot, 1978; Clark, 1983; ou, em Portugal, Silva (Org.), 2007<sup>24</sup>); e c) ao *género* (Lightfoot, 1978; Lareau, 1989; David, 1993; ou, em Portugal, Silva, 2003; Diogo, 2008)<sup>25</sup>.

- *As famílias face ao processo de escolarização* (Clark, 1983; Montandon e Perrenoud, 1987; Kellerhalls e Montandon, 1991; David, 1993; ou, em Portugal, A. Diogo, 1998, 2008<sup>26</sup>), uma perspectiva mais próxima da sociologia da família.

- *Os representantes parentais em órgãos das escolas* (Beattie, 1985; Cullingford, 1985; David, 1993; Munn, 1993; Henry, 1996; Vincent, 1996, 2000; ou, em Portugal, Sá, 2004).

- *O papel das associações de pais* (Ballion, 1982; Beattie, 1985; Cullingford, 1985; David, 1993; Munn, 1993; Henry, 1996; Vincent, 1996, 2000; ou, em Portugal, Martins, 2003; Silva, 2003; Sá, 2004<sup>27</sup>).

- *Escola-família e mercadorização da educação* (Ballion, 1982; David, 1993;

---

<sup>23</sup> Cf., numa perspectiva próxima, as obras dos antropólogos Raul Iturra (1990) e Ricardo Vieira (1992).

<sup>24</sup> Neste caso através dos textos de Teresa Seabra e Maria José Casa-Nova, sendo que estas duas autoras possuem livros relevantes neste campo: Seabra (1999), sobre famílias de origem portuguesa e africana; e Casa-Nova (2002, 2009), sobre famílias de origem cigana. Cf. ainda Villas-Boas (2001) sobre minorias étnicas de origem africana e indiana. Seabra no seu texto de 2007 inclui também famílias de origem indiana, para além de cabo-verdiana e autóctones.

<sup>25</sup> Cf. ainda a obra de Miriam David *et al.* (1993): *Mothers and Education: Inside Out?*.

<sup>26</sup> Cf. ainda Seabra (1999); C. G. Silva (1999); Casa-Nova (2002); Vieira da Fonseca (2003); Vieira, Pintassilgo e Melo (2003); Almeida e Vieira (2006) ou os textos de Ana Diogo e Susana Faria *in* Silva (2007).

<sup>27</sup> Cf., de Virgínio Sá, o seu texto sobre a relação entre associações de pais e de estudantes (*in* Silva, 2007).

Munn, 1993<sup>28</sup>; ou, em Portugal, Silva, 2003; Sá, 2004; Costa, Neto-Mendes e Ventura, 2008).

- *O papel da criança (e do jovem) na relação entre famílias e escolas* (Montandon e Perrenoud, 1987; Beveridge, 2005; ou, em Portugal, Silva, 2003; Diogo, 2008), uma problemática particularmente querida à sociologia da infância<sup>29</sup>.

- *Escola-família-comunidade*, parecendo ser, no entanto, mais corrente as famílias serem referidas em obras sobre a relação escola-comunidade (cf., por exemplo, Davies, 1981, ou, em Portugal, Benavente *et al.* 1987) do que a comunidade em obras sobre a relação escola-família<sup>30</sup>.

- *Escola-família e cidadania*, um tema que perpassa por autores portugueses, sobretudo a propósito da discussão do conceito de participação, em particular a parental (por exemplo, Silva, 2003; Sá, 2004), mas se revela mais assumido em obras estrangeiras, nomeadamente anglo-saxónicas (cf., por exemplo, Davies, 1981, Vincent, 1996, 2000).

- *Escola-família e efeitos organizacionais*, uma articulação talvez estranhamente “esquecida”, se tivermos em conta a “descoberta” do nível mesossociológico na década de 80. De novo, obras portuguesas como as de Afonso (1994), Silva (2003) e Sá (2004) intersectam este tema. O livro de Seymour Sarason, *Parental Involvement and the Political Principle* (1995), constitui uma excepção ao assumi-lo como objecto da sua análise.

12. Gostaria de salientar que diversas obras que incluem a articulação entre as problemáticas da relação escola-família e das classes sociais, se centram preferencialmente na *comparação entre camadas populares e diferentes fracções da classe média*, como são os casos das pesquisas etnográficas de Connell *et al.* (1982), Lareau (1989), Henry (1996), Vincent (1996) ou Silva (2003). Temos, no entanto, estudos centrados em cada um destes grupos. Assim, para a) as *camadas populares*, temos Clark (1983), Lahire (1995), os textos de Nadir Zago, Maria José Braga Viana e Écio António Portes inseridos em Nogueira, Romanelli e Zago (2000), Viana (2007) ou ainda o texto de Maria Gracinda Sousa integrado em Silva (2007); b) para as *classes médias*, temos os restantes textos incluídos em Nogueira, Romanelli e Zago (2000), ou seja, de Ana Almeida, Geraldo Romanelli, Maria Alice Nogueira e Ceres Leite Prado. De referir que o texto de Maria Alice Nogueira lida com camadas médias intelectualizadas, o que permite fazer a ponte para c) a *classe dominante*, onde desponta o interessante e singular estudo de Maria Manuel Vieira, de 2003, *Educar Herdeiros – Práticas Educativas da Classe Dominante Lisboa nas Últimas Décadas*.

13. Gostaria ainda de sublinhar que alguma desta investigação sobre camadas

---

<sup>28</sup> Cf., por exemplo, a excelente obra de Gewirtz, Ball e Bowe (1995), *Markets, Choice and Equity in Education*.

<sup>29</sup> Não se pode deixar de destacar aqui o texto pioneiro de Philippe Perrenoud na obra mencionada (Montandon e Perrenoud, 1987), assim como as publicações de Teresa Sarmento e Joaquim Marques (2002) e de Manuela Ferreira (2004) e os seus textos incluídos em Silva (2007). O livro de Ana Nunes de Almeida e Maria Manuel Vieira (2006) contém também um capítulo afim.

<sup>30</sup> Na minha obra *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada* (2003) reflecto sobre como uma das comunidades analisadas na pesquisa etnográfica então conduzida se erigiu como actor social no contexto local da interacção escola-famílias, assunto que retomo e desenvolvo na obra colectiva que acaba de surgir e que assume a pertinência desta preocupação: Sarmento, Ferreira, Silva e Madeira (2009).

populares faz uma abordagem não do ponto de vista do insucesso escolar, mas sim da sua sobrevivência ou longevidade, centrando-se em “improváveis estatísticos” através do estudo sociológico de trajectórias individuais (casos, por exemplo, dos textos de Maria José Braga Viana e de Écio Portes).

14. Uma última nota para dar conta de que, no conjunto da obra seleccionada, para além dos temas relativamente recorrentes, emergem também alguns com pouco ou nenhum eco por parte dos restantes autores. Cinco exemplos, sendo os quatro últimos retirados da colectânea por mim organizada (Silva, 2007):

- Manuel Pinto (2002) reflecte sobre a relação entre *escolas, famílias e televisão*<sup>31</sup>.

- Maria Eulália de Faria Henriques debruça-se explicitamente sobre uma das áreas de intersecção entre famílias e escolas, os *trabalhos para casa*, só mais secundariamente abordados noutras obras (por exemplo, Lareau, 1989; David, 1993; Vincent, 1996; Carvalho, 2001; Silva, 2003; Sá, 2004).

- Maria Mendel<sup>32</sup>, baseando-se em autores como Edward Hall, Michel Foucault e Paulo Freire, reflecte sobre os *espaços para pais nas escolas*, espaços que são também sociais e, logo, espelham relações de poder;

- Virgínio Sá toma como objecto de estudo, possivelmente inédito, a *relação entre associações de pais e associações de estudantes*;

- Eu próprio reflecto sobre a *condição social de pai-professor* (no sentido de pais que, enquanto tal, participam na dimensão de actuação colectiva e que, profissionalmente, são professores), assunto de um modo geral ignorado pela bibliografia especializada, quer nacional, quer internacional.

Estes exemplos parecem evidenciar que a relação escola-família, enquanto objecto de estudo sociológico, continua a renovar-se.

## Síntese

A análise sociológica da relação escola-família em Portugal parece ter sido, pelo menos até recentemente, uma preocupação maioritária a) da *sociologia da educação*, e b) de sociólogos ligados a *instituições de formação de professores*. O peso da sociologia da educação no conjunto das sociologias tem levado a que o ponto de entrada das análises se situe mais do lado da escola e a que estejamos mais perto de uma (análise sociológica da) relação escola-família do que família-escola. No entanto, este estado de coisas parece estar a mudar, pois há indícios de que, quer a *sociologia da família*, quer a *sociologia da infância* se estão a interessar crescentemente por esta temática. Veja-se o exemplo de Ana Nunes de Almeida, uma consagrada socióloga da família<sup>33</sup>, que publicou recentemente, em conjunto com Maria Manuel Vieira, o livro *A Escola em Portugal* (2006) que inclui dois interessantes capítulos, um sobre as famílias e sua relação com o processo de escolarização e outro sobre crianças e infância. A sociologia da infância, sendo de afirmação mais recente, tem vindo, no entanto, a

<sup>31</sup> Assinale-se que a substituição do papel da televisão pelo da internet nesta relação triangular já vem sendo objecto de pesquisa, consubstanciada em artigos científicos e em teses académicas.

<sup>32</sup> Uma das duas autoras estrangeiras da colectânea.

<sup>33</sup> E que não provém de uma instituição de formação de professores.

emergir de forma sólida através de contributos como os de Ana Nunes de Almeida, Emília Vilarinho, Manuel Jacinto Sarmento, Manuela Ferreira ou Teresa Sarmento<sup>34</sup>. Talvez a grande ausente aqui seja a sociologia da juventude<sup>35</sup>. Paralelamente, deve-se sublinhar a *interdisciplinaridade* que perpassa por muitas destas obras.

Outro aspecto a destacar é o da *pluralidade de actores sociais* envolvidos nas diferentes análises. Regista-se, aqui, uma “natural” ênfase nos pais e nos professores, mas a sociologia da infância tem chamado a atenção para a necessidade de não ignorar as crianças (actores sociais de dupla presença: como filhos e como alunos) na relação. Tem sido também equacionada a acção de outros actores como associações de pais, associações de estudantes, associações de tempos livres, autarquias, amas, explicadores e comunidades. Continua, em geral, a ser ignorado o papel dos funcionários não docentes das escolas, em particular o dos auxiliares de acção educativa<sup>36</sup>. A inclusão desta diversidade de actores aponta, assim, para uma relação assente numa complexa teia de interacções.

A análise sociológica da relação entre escolas e famílias tem dado conta da tripla clivagem em termos de *classe social*, *género* e *etnia*, incluindo a problemática da *diversidade cultural* e das *relações de poder*. Estamos, no caso da bibliografia portuguesa, perante obras que incluem uma *componente empírica*, articulando, em geral, *análise micro* e *macrossociológica*. A análise mesossociológica, embora presente, tem feito figura de parente pobre. Outro aspecto remete para a existência de alguma preocupação com a *reflexão teórica e conceptual*, tanto na bibliografia portuguesa como na estrangeira.

Uma menção deverá ser feita à existência de obras estrangeiras editadas em Portugal. Sendo poucas e (os originais) já com algumas décadas (Musgrove, s/d; Montandon e Perrenoud, 2001), constituem, no entanto, obras com um contributo não negligenciável para a problemática em causa, assim como, simultaneamente, sinal do seu relevo no contexto português.

Um dado curioso é o contraste entre a presença das instituições de formação de professores – através de boa parte dos autores portugueses seleccionados – e a ausência de reflexão sobre a articulação entre a relação escola-família e a formação de professores. A grande excepção na bibliografia estrangeira é constituída pela obra de Monnier e Pourtois *Relations École-Famille – Formation des Maîtres*.

Em suma, a vitalidade, a renovação e a complexificação da análise sociológica da relação escola-família, incluindo em Portugal, apresentam sinais vários: a) a

---

<sup>34</sup> Algumas obras emblemáticas no contexto português, para além das já mencionadas: Pinto e Sarmento (1997), Sarmento e Cerisara (2004) ou *Forum Sociológico* com o dossier “As cores da Infância”, organizado por Maria Manuel Vieira e José Manuel Resende em 2000, ou o nº temático sobre Sociologia da Infância em *Educação, Sociedade e Culturas*, organizado por Manuela Ferreira em 2002. Referência ainda para o volume que acaba de ser dado á estampa: *Infância, Família e Comunidade – As crianças como actores sociais*, de Teresa Sarmento, Fernando Ilídio Ferreira, Pedro Silva e Rosa Madeira, cujos título e subtítulo creio elucidativos das preocupações contidas no livro.

<sup>35</sup> Apesar de obras de referência sobre o mundo escolar como as de João Teixeira Lopes (1997) ou Pedro Abrantes (2003).

<sup>36</sup> Ou “assistentes operacionais”, como se designam mais recentemente. Há indícios de como poderão desempenhar um papel relevante, sobretudo junto de crianças e famílias de meios populares.

pluralidade crescente de actores sociais considerados; b) a diversidade de objectos de estudo; c) a multiplicidade de metodologias; d) a reflexão teórica e conceptual.

## Quadro 2

### Análise Sociológica da Relação Escola-Família: Um Roteiro Bibliográfico

	BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA	BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA
PRÉ-ANOS 80	<p>WALLER, Willard (1965), <i>The Sociology of Teaching</i>, New York, Science Editions [Edição original, 1932].</p> <p>SHARP, Rachel; GREEN, Andy (1975), <i>Education and Social Control</i>, London, Routledge and Kegan Paul.</p> <p><b>LIGHTFOOT, Sara (1978), <i>Worlds Apart - Relationships Between Families and Schools</i>, New York, Basic Books.</b></p> <p>DONZELOT, Jacques (1986), <i>A Polícia das Famílias</i>, Rio de Janeiro, Edições Gaal, 2ª edição, [Edição original, 1979]</p>	<p>[MUSGROVE, Frank (s/d), <i>Família, Educação e Sociedade</i>, Porto, Rés Editora.]</p>
ANOS 80	<p><b>DAVID, Miriam (1980), <i>The State, The Family and Education</i>, London, Routledge and Kegan Paul.</b></p> <p>DAVIES, Don (Ed.) (1981), <i>Communities and Their Schools</i>, New York, McGraw-Hill.</p> <p><b>BALLION, Robert (1982), <i>Les Consommateurs de l'École</i>, Paris, Éditions Stock.</b></p> <p>CONNELL, R.W.; ASHENDEN, D.J.; KESSLER, S.; DOWSETT, G.W. (1982), <i>Making The Difference - Schools, Families and Social Division</i>, Sidney, George Allen &amp; Unwin.</p> <p>CLARK, Robert (1983), <i>Family Life and School Achievement - Why Poor Black Children Succeed or Fail</i>, Chicago, The University of Chicago Press.</p> <p>BEATTIE, Nicholas (1985), <i>Professional Parents - Parent Participation in Four Western European Countries</i>, Philadelphia, The Falmer Press.</p> <p>CULLINGFORD, Cedric (Ed.) (1985), <i>Parents, Teachers and Schools</i>, London, Robert Royce.</p> <p>MONNIER, R.; POURTOIS, Jean-Pierre (1987), <i>Relations École-Famille - Formation des Maîtres</i>, Bruxelles, Éditions Labor.</p>	<p>[HONORÉ, Serge (1980), <i>Os Pais e a Escola - Uma Colaboração Necessária e Difícil</i>, Lisboa, Moraes Editores.]</p> <p>BENAVENTE, Ana; COSTA, António Firmino; MACHADO, Fernando Luís; NEVES, Manuela Castro (1987), <i>Do Outro Lado da Escola</i>, Lisboa, Edições Rolim/Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.</p> <p>MARQUES, Ramiro (1988), <i>A Escola e os Pais, Como Colaborar?</i>, Lisboa, Texto Editora.</p> <p>DAVIES, Don - <i>Dir. (1989), As Escolas e as Famílias em Portugal - Realidade e Perspectivas</i>, Lisboa, Livros Horizonte.</p>

<p>ANOS 80</p>	<p><b>MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe (1987), <i>Entre Parents et Enseignants, Un Dialogue Impossible?</i>, Berne, Peter Lang. [Entre Pais e Professores, Um Diálogo Impossível?, Oeiras, Celta Editora, 2001]</b></p> <p>PERRENOUD, Philippe; MONTANDON, Cléopâtre (1988), <i>Qui Maîtrise l'École? Politiques d'Institutions et Pratiques des Acteurs</i>, Lausanne, Éditions Réalités Sociales.</p> <p>WOODHEAD, Martin; McGRATH, Andrea (Ed.) (1988), <i>Family, School and Society</i>, London, Hodder and Stoughton.</p> <p><b>LAREAU, Annette (1989), <i>Home Advantage - Social Class and Parental Intervention in Elementary Education</i>, New York, The Falmer Press.</b></p>	
<p>ANOS 90</p>	<p><b>KELLERHALLS, Jean; MONTANDON, Cléopâtre (1991), <i>Les Stratégies Éducatives des Familles - Milieu Social, Dynamique Familiale et Éducation des Pré-Adolescents</i>, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.</b></p> <p><b>DAVID, Miriam (1993), <i>Parents, Gender and Education Reform</i>, Cambridge, Polity Press.</b></p> <p><b>MUNN, Pamela (Ed.) (1993), <i>Parents and Schools - Customers, Managers or Partners?</i>, London, Routledge.</b></p> <p>DAVID, M.; EDWARDS, R.; HUGHES, M.; RIBBENS, J. (1993), <i>Mothers and Education, Inside Out?</i>, London, The Macmillan Press.</p> <p>HENDERSON, Anne; BERLA, Nancy (Eds.) (1994), <i>A New Generation of Evidence. The Family Is Critical To Student Achievement</i>, National Committee for Citizens in Education.</p> <p>GEWIRTZ, Sharon; BALL, Stephen; BOWE, Richard (1995), <i>Markets, Choice and Equity in Education</i>, Buckingham, Open University Press.</p> <p>LAHIRE, Bernard (1995), <i>Tableaux de Familles - Heurs et Malheurs Scolaires en Milieux Populaires</i>, Paris, Seuil/Gallimard. [Sucesso Escolar nos Meios Populares - As Razões do Improvável, São Paulo, Editora Ática, 1997]</p> <p>SARASON, Seymour (1995), <i>Parental Involvement and the Political Principle</i>, San Francisco, Jossey-Bass Publishers.</p>	<p><i>Social do Insucesso Escolar - Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva</i>, Lisboa, Escher.</p> <p>STOER, Stephen; ARAÚJO, Helena (1992), <i>Escola e Aprendizagem para o Trabalho num País da (Semi)periferia Europeia</i>, Lisboa, Escher.</p> <p>VIEIRA, Ricardo (1992), <i>Entre a Escola e o Lar - O Curriculum e os Saberes da Infância</i>, Lisboa, Escher.</p> <p>DAVIES, Don; MARQUES, Ramiro; SILVA, Pedro (1993), <i>Os Professores e as Famílias - A Colaboração Possível</i>, Lisboa, Livros Horizonte.</p> <p>AFONSO, Natércio (1994), <i>A Reforma da Administração Escolar - A Abordagem Política em Análise Organizacional</i>, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação.</p> <p>AAVV (1994) <i>Inovação</i>, Vol. 7, Nº 3 [número temático sobre Educação e Família, coordenado por Natércio Afonso]</p> <p>D'ESPINEY, Rui; CANÁRIO, Rui (Orgs.) (1994), <i>Uma Escola em Mudança com a Comunidade - Projecto ECO, 1986-1992. Experiências e Reflexões</i>, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.</p> <p>ESTEVES, António Joaquim (1995), <i>Jovens e Idosos - Família, Escola e Trabalho</i>, Porto, Edições Afrontamento.</p>

<p>ANOS 90</p>	<p>CIBULKA, James; KRITIK, William (1996), <i>Coordination among Schools, Families, and Communities</i>, Albany, State University of New York Press.</p> <p>HENRY, Mary (1996), <i>Parent-School Collaboration – Feminist Organizational Structures and School Leadership</i>, Albany, State University of New York Press.</p> <p>SMREKAR, Claire (1996), <i>The Impact of School Choice and Community in the Interest of Families and Schools</i>, Albany, State University of New York Press.</p> <p>VINCENT, Carol (1996), <i>Parents and Teachers – Power and Participation</i>, London, Falmer Press.</p> <p>DUBET, François (Dir.) (1997), <i>École, Familles, Le Malentendu</i>, Paris, Les Éditions Textuel.</p> <p>LEWIS, A.; HENDERSON, A. (1997), <i>Urgent Message, Families Crucial To School Reform</i>, Washington, CFLE.</p>	<p>CANÁRIO, Rui; ROLO, Clara; ALVES, Mariana (1997), <i>A Parceria Professores/Pais na Construção de Uma Escola do 1º Ciclo</i>, Lisboa, Ministério da Educação.</p> <p>MARQUES, Ramiro (1997), <i>Professores, Famílias e Projecto Educativo</i>, Porto, Edições ASA.</p> <p>SANTIAGO, Rui (1997), <i>A Escola Representada pelos Alunos, Pais e Professores</i>, Aveiro, Universidade de Aveiro.</p> <p>DIOGO, Ana Matias (1998), <i>Famílias e Escolaridade – Representações Parentais da Escolarização, Classe Social e Dinâmica Familiar</i>, Lisboa, Edições Colibri.</p> <p>DIOGO, José M. L. (1998), <i>Parceria Escola-Família – A Caminho de uma Educação Participada</i>, Porto, Porto Editora.</p> <p>SEABRA, Teresa (1999), <i>Educação nas Famílias – Etnicidade e Classes Sociais</i>, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação.</p> <p>SILVA, Cristina Gomes (1999), <i>Escolhas Escolares, Heranças Sociais</i>, Oeiras, Celta Editora.</p>
<p>ANOS 00</p>	<p>NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.) (2000), <i>Família e Escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares</i>, Petrópolis, Editora Vozes.</p> <p>VINCENT, Carol (2000), <i>Including Parents? – Education, Citizenship and Parental Agency</i>, Buckingham, Open University</p> <p>CARVALHO, Maria Eulina P. (2001), <i>Rethinking Family-School Relations, A Critique of Parental Involvement in Schooling</i>, London, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.</p> <p>LAREAU, Annette (2003), <i>Unequal Childhoods – Class, Race and Family Life</i>, Berkeley and Los Angeles, University of California Press.</p> <p>LIGHTFOOT, Sara (2003), <i>The Essential Conversation- What Parents and Teachers Can Learn from Each Other</i>, New York, Random House</p> <p>BEVERIDGE, Sally (2005), <i>Children, Families and Schools – Developing Partnerships for Inclusive Education</i>, New York, Routledge Falmer.</p>	<p>FONTAINE, Anne Marie (Coord.) (2000), <i>Parceria Família-Escola e Desenvolvimento da Criança</i>, Porto, Edições Asa.</p> <p>MARQUES, Ramiro (2001), <i>Educar Com Os Pais</i>, Lisboa, Editorial Presença.</p> <p>VILLAS-BOAS, Maria Adelina (2001), <i>Escola e Família – Uma Relação Produtiva de Aprendizagem em Sociedades Multiculturais</i>, Lisboa, Escola Superior de Educação João de Deus.</p> <p>CASA-NOVA, Maria José (2002), <i>Etnicidade, Género e Escolaridade – Estudo em Torno das Socializações Familiares de Género numa Comunidade Cigana da Cidade do Porto</i>, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação.</p> <p>HOMEM, Maria Luisa (2002), <i>O Jardim de Infância e a Família – As Fronteiras da Cooperação</i>, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação.</p> <p>LIMA, Jorge Ávila (Org.) (2002), <i>Pais e Professores, Um Desafio à Cooperação</i>, Porto, Edições ASA.</p> <p>PINTO, Manuel (2002), <i>Televisão, Família e Escola</i>, Lisboa, Editorial Presença.</p>

<p>ANOS 00</p>	<p>HENDERSON, Anne; MAPP, Karen; JOHNSON, Vivian; DAVIES, Don (2007), <i>Beyond The Bake Sale</i>, New York, The New Press.</p> <p>VIANA, Maria José Braga (2007), <i>Longevidade Escolar em Famílias Populares – Algumas condições de possibilidade</i>, Goiás, Editora da UCG.</p>	<p>SARMENTO, Teresa; MARQUES, Joaquim (Coord.) (2002), <i>A Escola e os Pais</i>, Braga, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.</p> <p><b>MARTINS, Maria Fernanda (2003), <i>Associações de Pais e Encarregados de Educação na Escola Pública – Contributos para Uma Análise Sociológica-Organizacional</i>, Lisboa, Ministério da Educação.</b></p> <p>VIEIRA DA FONSECA, Maria Manuel (2003), <i>Educar Herdeiros – Práticas Educativas da Classe Dominante Lisboaeta nas Últimas Décadas</i>, Lisboa, F. C. Gulbenkian/F.C.T – MCES.</p> <p><b>SILVA, Pedro (2003), <i>Escola-Família, Uma Relação Armadilhada – Interculturalidade e Relações de Poder</i>, Porto, Edições Afrontamento.</b></p> <p>VIEIRA, Maria Manuel; PINTASSILGO, Joaquim; MELO, Benedita Portugal e (2003), <i>Democratização Escolar, Intenções e Apropriações</i>, Lisboa, Centro de Investigação em Educação, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa.</p> <p>FERREIRA, Manuela (2004), “<i>A Gente Gosta É de Brincar Com Os Outros Meninos</i>” – <i>Relações Sociais Entre Crianças num Jardim de Infância</i>, Porto, Edições Afrontamento.</p> <p><b>SÁ, Virgínio (2004), <i>A Participação dos Pais na Escola Pública Portuguesa – Uma Abordagem Sociológica e Organizacional</i>, Braga, Universidade do Minho.</b></p> <p><b>STOER, Stephen; SILVA, Pedro (Orgs.) (2005), <i>Escola-Família, Uma Relação em Processo de Reconfiguração</i>, Porto, Porto Editora.</b></p> <p>ALMEIDA, Ana Nunes; VIEIRA, Maria Manuel (2006), <i>A Escola em Portugal</i>, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.</p> <p>ZENHAS, Armanda (2006), <i>O Papel do Director de Turma na Colaboração Escola-Família</i>, Porto, Porto Editora.</p> <p><b>SILVA, Pedro (Org.) (2007), <i>Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares</i>, Porto, Profedições.</b></p> <p><b>DIOGO, Ana Matias (2008), <i>Investimento das Famílias na Escola – Dinâmicas Familiares e Contexto Escolar Local</i>, Lisboa, Celta Editora.</b></p>
----------------	--	--

ANOS 00		<p>C.N.E. (2008), <i>Escola/Família/Comunidade</i>, Conselho Nacional de Educação, Lisboa, Ministério da Educação.</p> <p>COSTA, Jorge Adelino; NETO-MENDES, António; VENTURA, Alexandre (2008), <i>Xplica, Investigação sobre o Mercado das Explicações</i>, Aveiro, Universidade de Aveiro.</p> <p>SARMENTO, Teresa (Org.); FERREIRA, Fernando Ilídio; SILVA, Pedro; MADEIRA, Rosa (2009), <i>Infância, Família e Comunidade – As crianças como actores sociais</i>, Porto: Porto Editora.</p> <p>CASA-NOVA, Maria José (2009), <i>Etnografia e Produção de Conhecimento – Reflexões críticas a partir de uma investigação com ciganos portugueses</i>, Lisboa, ACIDI.</p>
---------	--	--

## Bibliografia

ABRANTES, Pedro (2003), *Os Sentidos da Escola – Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*, Oeiras, Celta Editora.

ALMEIDA, Ana (2000), “Ultrapassando o pai – Herança cultural restrita e competência escolar”, in Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (Orgs.), *Família e Escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis, Editora Vozes.

ARIÈS, Philippe (1988), *A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*, Lisboa, Relógio d’Água [1973].

BERGER, Eugenia (1991), *Parents as Partners in Education, The School and Home Working Together*, Nova Iorque, Merryl.

BOURDIEU, Pierre (2003), *Questões de Sociologia*, Lisboa, Fim de Século [1984].

CASA-NOVA, Maria José (2007), “A relação dos ciganos com a escola pública: contributos para a compreensão sociológica de um problema complexo e multidimensional”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

DIOGO, Ana Matias (2007), “Dinâmicas familiares e investimento na escola à saída do ensino obrigatório”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

DURKHEIM, Émile (s/d), *Sociologia, Educação e Moral*, Porto, Rés Editora.

*Educação, Sociedade e Culturas* (2002), 17 [Número Temático: “Crescer e Aparecer” ou... *Para Uma Sociologia da Infância*].

FARIA, Susana (2007), “O envolvimento familiar no processo de decisão dos jovens à saída do 9º ano”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

FERREIRA, Manuela (2007), “‘-Tá na hora d’ir pr’á escola!’ , ‘-Eu não sei fazer esta, senhor professor!’ ou... brincar às escolas na escola (JI) como um modo das crianças darem sentido e negociarem as relações entre a família e a escola”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

*Forum Sociológico* (2000), Nº 3/4 (II Série) [Dossier: *As Cores da Infância*].

GAL, Roger (1979), *História da Educação*, Lisboa, Editorial Vega.

HENRIQUES, Maria Eulália de Faria (2007), “Os trabalhos de casa na escola do 1º ciclo da Luz: estudo de caso”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

LOPES, João Teixeira (1997), *Tristes Escolas – Práticas Culturais Estudantis no Espaço Escolar Urbano*, Porto, Edições Afrontamento.

MENDEL, Maria (2007), “Lugares para os pais na escola – Local de desafios – Parceria consciente”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

NARODOWSKY, Mariano (2006), *Comenius e a Educação*, Belo Horizonte, Autêntica Editora.

NOGUEIRA, Maria Alice (2000), “A construção da excelência escolar – Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas”, in Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (Orgs.), *Família e Escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis, Editora Vozes.

PINTO, José Madureira (2007), *Indagação Científica, Aprendizagens Escolares, Reflexividade Social*, Porto, Edições Afrontamento.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs.) (1997), *As Crianças: Contextos e Identidades*, Braga, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

PORTES, Écio Antônio (2000), “O trabalho escolar das famílias populares”, in Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (Orgs.), *Família e Escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis, Editora Vozes.

PRADO, Ceres Leite (2000), “Em busca do primeiro mundo – Intercâmbios culturais como estratégias educativas familiares”, in Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (Orgs.), *Família e Escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis, Editora Vozes.

ROMANELLI, Geraldo (2000), “Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos – O estudante-trabalhador”, in Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (Orgs.), *Família e Escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis, Editora Vozes.

SÁ, Virgínio (2007), “Associações de pais e associações de estudantes: articulações débeis e agendas em tensão”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

SARACENO, Chiara; NALDINI, Manuela (2003), *Sociologia da Família*, Lisboa, Editorial Estampa [2001].

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.) (2004), *Crianças e Miúdos – Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e da Educação*, Porto, Edições ASA.

SARMENTO, Teresa; MARQUES, Joaquim (2007), “A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

SEABRA, Teresa (2007), “Relação das famílias com a escolaridade e resultados escolares: comparando alunos de origem cabo-verdiana, de origem indiana e autóctones”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

SILVA, Pedro (2002), “Escola-Família: Tensões e Potencialidades de Uma Relação”, in Jorge Ávila de Lima (Org.), *Pais e Professores, Um Desafio à Cooperação*, Porto, Edições ASA.

SILVA, Pedro (2007), “Pais-professores: Um retrato sociológico”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

SILVA, Tomaz Tadeu (1995), “Os Novos Mapas Culturais e o Lugar do Currículo Numa Paisagem Pós-Moderna”, *Educação, Sociedade e Culturas*, 3, 125-142.

SOUSA, Maria Gracinda Coelho (2007), “O caderno vaivém enquanto estratégia pedagógica: Um estudo etnometodológico sobre trajectos de participação parental numa escola básica 2/3 situada em meio operário”, in Pedro Silva (Org.), *Escolas, Famílias e Lares, Um Caleidoscópio de Olhares*, Porto, Profedições.

TEDESCO, Juan Carlos (2000), *O Novo Pacto Educativo – Educação, Competitividade e Cidadania na Sociedade Moderna*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2ª edição [1999].

VIANA, Maria José Braga (2000), “Longevidade escolar em famílias de camadas populares – Algumas condições de possibilidade”, in Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (Orgs.), *Família e Escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis, Editora Vozes.

ZAGO, Nadir (2000), “Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar”, in Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago (Orgs.), *Família e Escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*, Petrópolis, Editora Vozes.

#### **Abstract:**

In this paper I try to reflect about the overlapping of the problematics of school-family relationships and the sociological look about it. I try it through a double historical perspective (necessarily synthetical): a) about the emergence of that problematics, and b) about the emergence of its adoption by sociology. I build, further on, a corpus of Portuguese and foreign works, under book format, that include a contribution about that relationship that I consider to be pertinent, most of them of sociological nature. My analysis, in the second half of the paper, focus on the books that assume home-school relations as the object

of study and that include, at the same time, a sociological analysis about it, paying special attention to the Portuguese literature.

**Keywords:**

School-Family Relationships; Sociology of Education; Sociology of Family; Sociology of Childhood.

**Résumé:**

Dans cet article j'essaï réfléchir sur l'intersection entre la problématique de la relation école-famille et le regard sociologique qui sur elle se propage. Je le fait à travers une double perspective historique (nécessairement synthétique): a) sur l'émergence de cette problématique, et b) sur l'émergence de son adoption par la sociologie. Après, je construis un corpus d'œuvres portugaises et étrangères, en format de livre, qui incorporent des contributions que je considère pertinents sur celle relation, en étant la plupart d'elles de nature sociologique. Mon analyse se centre, dans la seconde moitié de l'article, sur les livres que assument le rapport école-famille comme objet d'étude et qui, au même temps, incorporent l'analyse sociologique sur le même, en soulignant la bibliographie portugaise.

**Mots-clés:**

Relation Ecole-Famille; Sociologie de L'éducation; Sociologie de la Famille; Sociologie de L'enfance.